

2

Construindo uma teoria: identidade como fator social

Em muitos aspectos, o ‘giro lingüístico’, iniciado na filosofia e nas ciências sociais há várias décadas, poderia, hoje em dia, ser chamado de ‘giro discursivo’ dado o atual e crescente interesse no estudo das formas de uso da linguagem e de conversações e textos, que vêm substituindo o estudo do sistema abstrato ou da gramática do idiomas.

(van Dijk, 2004:7)

2.1 Introdução

Quando nos propomos tentar a descrever e entender o processo de construção da identidade social de um indivíduo, não podemos esquecer que esta é construída no discurso e pelo próprio, e somente através da análise de toda a complexidade que envolve as interações discursivas podemos compreender como acontece este processo. Como van Dijk (2004) afirma, para que o lingüista possa compreender uma dada interação faz-se necessário que este conheça a diversidade do uso da linguagem e não somente o sistema abstrato que descreve um idioma. Ao utilizar a linguagem em uma interação, os indivíduos estão negociando e construindo significados de forma conjunta. Assim sendo, se desejamos entender como se dá esta construção, temos que ter um conhecimento profundo sobre a natureza do discurso.

O objetivo principal desta dissertação é apresentar um entendimento acerca do discurso de um aluno tornando-se professor. Por isso, é necessário que, antes de apresentar o discurso deste aluno-professor, eu faça uma discussão sobre a natureza do discurso e como este está associado ao processo de construção de

identidades. Assim sendo neste capítulo apresento os conceitos basilares que nortearão a minha pesquisa.

Discuto, aqui, duas noções básicas que serão de extrema importância para a compreensão de toda esta investigação proposta. Em um primeiro momento, discorro sobre a trajetória dos estudos sobre identidade. Este apanhado histórico, embora restrito, tem o objetivo de situar o meu leitor dentro do período em que estamos vivendo nas ciências sociais. Tento demonstrar, através de uma linha evolutiva como foi cunhada a premissa de que a identidade social do indivíduo representa um construto pluralizado, isto é, ela é construída por todas as experiências que vivenciamos em nossa vida; todas as interações nas quais nos engajamos são responsáveis, de alguma forma por nossa construção identitária.

Outro conceito que também discuto neste capítulo é o do discurso dentro dos estudos das ciências sociais. Olhar para o discurso dentro desta visão significa ver o uso da linguagem como a forma mais contundente de construir significados. E ao se construir significados com o auxílio do uso linguagem estamos, também, construindo novas formas de pensar e agir no mundo.

Por se tratarem de conceitos fundamentais para a realização desta pesquisa discuto nas próximas seções, de forma mais contundente, as noções de identidade e discurso. Ressalvo, ainda, que durante a análise de dados, faço menção às discussões traçadas neste capítulo.

2.2

Construindo o conceito de identidade

A linguagem é, de forma inegável, uma das mais importantes ferramentas simbólicas geradas a partir da convivência humana. Ela é o elo mediador das interações, contribuindo para a construção de identidades, visões de mundo e do outro (Moita Lopes, 2002). Alinho-me a Bakhtin (1981 [1929 – data da 1ª edição]) quando afirma que a palavra representa a maneira mais simples e pura de relação social. Assim sendo se excluirmos o contexto social dos estudos de linguagem estaremos negligenciando os processos de negociação de significados via discurso através dos quais constróem-se e reconstróem-se identidades, crenças,

valores e saberes, isto é com esta abordagem social que podemos co-construir as ordens do discurso (Fairclough, 1996).

Quando estudo a linguagem sob esta perspectiva, percebo que sempre me chamou atenção o processo de constante construção em que se encontram as identidades dos participantes de uma interação discursiva. Contudo, noto, também, que apesar deste processo fazer parte da nossa vida cotidiana, os estudos mais contundentes sobre identidade datam da segunda metade da década de noventa. Entretanto, ao analisarmos a história da lingüística, da literatura e da filosofia notaremos, nitidamente, que esta visão social e discursiva da identidade já se apresentava timidamente em outros estudos. Exemplos desta visão da construção social da identidade podem ser encontrados desde os estudos filosóficos da antigüidade sobre a questão do eu, passando por Platão em seu estudo sobre a construção da sociedade em sua obra *Republica*, e ainda destacando a célebre frase de William Shakespeare em *Como Queiras*, “Todo o mundo é um palco e todos os homens e mulheres meramente atores.” (Shakespeare, 1599:140-1). Segundo a visão clássica, o eu no plano real é definido por seu papel social, o mesmo papel estará presente no discurso platoniano sobre a constituição da sociedade onde cada indivíduo representa um papel que é definido no convívio da sociedade. Ao analisarmos a visão shakespeariana descrita na citação acima, podemos dizer que ali está presente a idéia de que os participantes de um contexto discursivo desempenham papéis que são definidos durante a interação. Ainda, podemos especular que William Shakespeare também estivesse apontando para o fato de que em cada interação os participantes assumem papéis diferentes.

Tendo como base a idéia contemporânea de identidade como um fator social construído discursivamente (Moita Lopes, 2002), proponho nesta seção duas discussões sobre o tema identidade: (i) um estudo diacrônico sobre reflexões teóricas acerca do conceito de identidade sob uma perspectiva lingüística e (ii) discutir as identidades que se constróem na sala de aula.

Havendo apresentado o ponto de partida que será o fio condutor desta seção, passo a discutir a perspectiva de identidade que surgiu no início do século XX.

2.2.1

Entendendo os estudos sobre identidade ao longo do tempo

Nesta subseção, alinharei-me aos filósofos, sociólogos e lingüistas que estudam este tema a partir do século XX. Embora já o tenha mencionado no item anterior sobre discurso, concentrarei a minha discussão nos estudos iniciados por Bakhtin na 1ª metade do século XX. Segundo o lingüista, o outro desempenha um papel extremamente importante durante a negociação de significados em uma interação. Passarei pelos trabalhos sobre construção de gêneros discutidos por Beauvoir (1981 [1949 – data da 1ª edição]), comentarei as idéias concernentes ao poder discutidas por Foucault (1984 [1971 – data da 1ª edição]). Neste estudo sobre a evolução do pensamento identitário, não posso esquecer de mencionar os estudos de Goffman (1985) sobre a representação do eu e os trabalhos de face. Para poder, então, culminar este com as pesquisas mais recentes sobre o tema.

Tendo apresentado a base teórica que norteará este estudo, começo agora a traçar a linha evolutiva sobre o pensamento de identidade a partir do século XX até chegar ao conceito contemporâneo de identidade que informará toda a minha pesquisa.

2.2.1.1

Identidade e o outro: uma visão *bakhtiniana*

A visão de identidade defendida nesta dissertação parte do princípio de que esta seria um construto social, negociado, renegociado e revelado através do discurso (Freitas, 2000). Partindo desta definição começarei traçando como esta visão era entendida na primeira metade do século XX, mais explicitamente levando em consideração os trabalhos desenvolvidos pelo lingüista e filósofo Bakhtin.

Na primeira metade do século XX, os estudos lingüísticos concentravam-se nas teorias desenvolvidas por Ferdinand de Saussure, segundo as quais a linguagem seria composta por um parâmetro dicotômico – langue x parole. De acordo com esta visão, a primeira representaria o sistema e a subsequente teria em seu escopo o recorte que cada membro da sociedade faz do sistema (Saussure, 1970). Outra concepção de linguagem em voga nesta época era a do círculo lingüístico de Praga, tendo como um de seus maiores representantes o lingüista

Roman Jakobson. Contudo, estes estudos calcavam-se na visão de linguagem como um construto abstrato inerente ao ser humano, mas o social não era considerado parte deste. Isto é, a linguagem estaria dissociada de qualquer influência da sociedade. Para tais estudos, o discurso pré-determinava o pensamento e não era visto como uma via de mão dupla onde tanto o pensamento como o discurso seriam constituídos um pelo outro e influenciados pelo posicionamento dos participantes dentro da interação, palavra, que, aliás, estava longe de ser utilizada com a concepção vigente hoje em dia.

Entretanto, na contramão deste movimento de abstração lingüística do social estava o filósofo e lingüista russo Mikail Bakhtin. Suas idéias sinalizavam a importância do outro no processo de construção de significados através da prática discursiva (Bakhtin,1992), e ainda, que este processo apresentava-se de forma multifacetada e pluralizada, visto que, cada interactante traz em sua bagagem cultural diversas experiências de vida. As idéias de Bakhtin em relação ao uso da linguagem diferenciam-se, e muito, das difundidas até então pelos estudos do círculo de Praga. Dentro de uma perspectiva bakhtiniana, construímos nosso discurso através do discurso do outro e o outro o faz da mesma forma.

Em suma, a visão bakhtiniana de identidade nasce da premissa de que o discurso dos participantes de uma interação nasce a partir da negociação com o discurso do outro, isto é, a identidade representa um construto moldável que está em constante processo de formulação e reformulação.

2.2.1.2 **Identidade no pós-guerra**

Após a Segunda Guerra Mundial, os estudos lingüísticos passaram cada vez mas a serem conduzidos pela visão estruturalista de linguagem. Esta visão de linguagem tinha como um de seus representantes Leonard Bloomfield (1932). Para este lingüista, língua representa um conjunto de regras que devem ser seguidas, e, ainda, estas regras não são influenciadas e nem influenciam a sociedade. Novamente, vemos, aqui, a abstração do fator social dos estudos lingüísticos.

Contudo, na mesma época, a antropologia, a sociologia e filosofia estavam começando a desenvolver um outro conceito, o de identidade. Por exemplo, a feminista e filósofa Beauvoir (1981 [1949 – data da 1ª edição]) já expunha suas idéias sobre a construção da sexualidade: como homens se constroem como homens e mulheres se constroem como mulheres em um mundo pós-guerra. Neste estudo sobre a definição social de gêneros (feminino x masculino), Beauvoir tinha como base de dados o discurso de seus objetos de pesquisa, isto é, ela desenvolveu seus estudos a partir da linguagem, e afirma que as escolhas de linguagem criam, moldam, reformulam e revelam as identidades envolvidas em uma prática social.

Os estudos sociológicos e filosóficos feitos por Beauvoir calcavam-se na linguagem, apesar de não serem estudos lingüísticos. Entretanto, estes estudos já apontavam a interdependência entre a linguagem e o meio social, apontando que tanto a linguagem quanto à prática discursiva estavam intrinsecamente ligadas, não podendo, assim, serem dissociadas, visto que ambos se influenciam de forma mútua, isto é, o contexto social influencia o uso da linguagem bem como o uso da linguagem influencia o contexto social.

2.2.1.3 **Identidade e poder**

A união entre contexto social e linguagem tem sido sempre discutido por estudiosos da sociedade e não da lingüística. O contexto social foi por muito tempo, e para alguns continua sendo, visto como um construto aparte da linguagem. Por exemplo, nos estudos de Chomsky (1965) sobre a teoria de princípios e parâmetros, ele afirma que a todas as línguas seguem princípios gerais sobre a estrutura da gramática universal, porém cada língua difere através dos parâmetros de uso. Contudo, apesar de ser determinado pelo falante, esta seleção não leva em consideração o contexto social de uso da linguagem, e sim, esta seleção é arbitrária e não varia socialmente.

Entretanto, nos estudos sociais, está cada vez mais presente esta relação entre a linguagem e a sociedade, a ponto de surgir uma nova área de investigação, a sociolingüística, tendo como base os estudos de Erving Goffman iniciados na

década de 50. De acordo com esta nova área de pesquisa, o contexto social e o uso da linguagem estão intimamente ligados não podendo, assim, serem estudados de forma independente.

Durante a década de 70, os estudos lingüísticos tornaram-se muito mais ligados ao social, trazendo para seu escopo de pesquisa questões pertinentes à construção social do discurso e da identidade. Alinho-me a Erickson e Shultz (2002 [1977 – data da 1ª edição]), quando expõem a importância do contexto para que significados sejam construídos durante uma atividade discursiva. Os interactantes devem estar alinhados entre si e fornecer pistas de contextualização para que seus entendimentos sejam compartilhados. E ao passo que os participantes de um contexto discursivo compartilham entendimentos, eles estão revelando, formulando e reformulando seus conceitos morais e de vivência, i.e. suas identidades. Assim, quando o indivíduo se engaja em uma interação, ele age, para com o outro, com base em toda sua experiência de vida, bem como é exposto à experiência de seu interlocutor.

Dentro desta visão, é preciso lembrar, também, que toda interação é permeada por relações de poder (Foucault, 1979). Estas relações não são predeterminada e sim negociadas no discurso. Mesmo em contextos em que, tradicionalmente, um interactante está em posição de maior poder que o outro, por exemplo, a sala de aula, há a possibilidade deste padrão ser desconstruído e a posição de poder ser negociada pelos participantes. Assim sendo, posso afirmar que, segundo Foucault (1979), o poder, em uma interação discursiva, não é pré-estabelecido e sim esta relação se estabelece através de embates entre os interactantes que negociam esta posição por intermédio do uso da linguagem. Isto faz com que as relações de poder sejam configuradas como locais. Durante esta negociação, identidades estão normalmente sendo construídas e reconstruídas, pois, aquele que está em posição de maior poder exerce uma maior influência durante o processo de construção das identidades.

Com a decadência do estruturalismo, esta visão do social e da linguagem tornou-se muito mais explícita, então, os estudos lingüísticos passaram a se concentrar também no estudo das minorias, que antes eram estudadas apenas pela sociologia e antropologia. Com esta abertura de foco, a linguagem passou a ser vista como um construto que era definido socialmente em práticas discursivas. E que cada comunidade faz uso dela de forma consciente no intuito de marcar a sua

identidade. Desta forma, a identidade passa a ser cada vez mais vista como construída, desconstruída e reconstruída através da linguagem. Outro ponto de discussão que também tem sua origem basilar nos trabalhos de Foucault (1979) é a questão da minoria. Trato aqui de minorias, não no sentido literal da palavra, e sim no sentido amplo de que as minorias representariam os grupos sociais de menor prestígio (Corson, 1993), tais como grupos étnicos, gays, mulheres, etc.

No Brasil um grande representante desta nova tendência de estudos sobre linguagem é o lingüista aplicado Luiz Paulo da Moita Lopes. Os estudos de Moita Lopes (2002) traçam um paralelo entre a linguagem e construção de identidades em contextos escolares, focalizando a construção da diferença e da sexualidade. Em sua obra *Identidades Fragmentadas* (Moita Lopes, 2002), o autor afirma que as identidades, além de serem construídas em discurso e pelo mesmo, são fragmentadas e fruto de todas as experiências que os interactantes experienciam durante toda a sua vida. Assim sendo, as identidades não são fixas e cristalizadas, e sim, móveis e em constante processo de formação.

Alinhando-se aos estudos de Moita Lopes está Inês Signorini (2002). Segundo a pesquisadora as identidades sociais são negociadas e construídas através dos embates travados pelos participantes da interação discursiva. Corroborando esta visão, Rajagopalan (2002) afirma que:

“A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isto significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas.” (Rajagopalan, 2002:41-42)

A definição feita acima nos dá um parâmetro de como lingüistas e cientistas sociais encaram a linguagem hoje em dia. Na próxima seção, discorro sobre o conceito de discurso e discuto um pouco mais sobre este tema do ponto de vista atual, apontando os rumos para os quais os estudos identitários estão caminhado dentro dos estudos lingüísticos que focalizam a escola, devido a sua natureza pluralizada; a escola é tida como o local mais apropriado para se explicitar toda esta questão.

2.3

Construindo o conceito de discurso

Nesta seção começo a expor o conceito de discurso que norteará esta dissertação. Início a minha exposição definindo o conceito de discurso e a sua relação com a linguagem. Parto do princípio defendido por Cook (2000) que discurso é o uso da linguagem para a construção de significado. Em um segundo momento, relaciono discurso à sala de aula. Para tal, uso a idéia defendida por Kleiman (2002) de que a sala de aula de línguas representa um espaço discursivo permeado por diversas vozes. Durante toda esta seção, associo as questões discutidas com o conceito de identidade discutido no item 2.2.

2.3.1

Discurso e identidade

A visão contemporânea de discurso traz em sua representação o processo de construção social, visto que:

“o significado é um construto negociado pelos participantes (...) a construção social do significado é situada em circunstâncias sócio-históricas particulares e é mediada por práticas discursivas específicas nas quais os participantes estão posicionados em relações de poder” (Moita Lopes, 2002:30-1).

Corroborando esta definição de discurso como um construto social está a afirmativa de Cook (2001) de que discurso é o uso da linguagem, quer seja verbal ou não, durante uma atividade interacional com o objetivo de comunicação.

O discurso, como uma construção social, é tomado pelos interactantes como uma forma de ação no mundo. Assim sendo, ao fazermos a análise do discurso estamos estudando como os participantes do ato interacional se posicionam perante àquela interação e conseqüentemente perante o mundo. Então, tomando as palavras de Markova (1990) citadas por Moita Lopes (2002:31) “através da comunicação social as pessoas definem e constróem sua realidade social, dão forma e agem sobre ela”.

Outro conceito que cabe ser discutido aqui é o de que o discurso é um construto multifacetado. Segundo Bakhtin (1981), toda enunciação envolve pelo menos duas vozes: a voz do eu e a voz do outro, sendo que na construção dessas

vozes atuam diversas outras vozes oriundas das experiências dos interactantes, pois nenhum falante está sozinho no mundo; eles agem e interagem para chegar a construção de significados e para toda prática discursiva em que fazem parte eles trazem os conhecimentos produzidos em outras práticas, isto é, eles trazem o seu conhecimento de mundo. Assim sendo, é possível afirmar que o discurso de um indivíduo é fragmentado e construído não só pelo discurso do outro, mas também pelos seus discursos anteriores. Dentro desta perspectiva, vemos o conhecimento de mundo dos interactantes construir e ser construído no discurso e por ele.

Ou seja, o discurso é construído socialmente na interação, e neste construto, os participantes discursivos criam enquadres interativos (Tannen e Wallat, 2002). Estes enquadres definem como os interactantes podem agir naquela prática discursiva. Para estabelecer este enquadre, os participantes da interação fornecem pistas de contextualização que indicam como um dado enunciado pode ser contextualizado e como o interactante espera que o outro se posicione e construa o seu discurso (Gumperz, 2002)

“(...) as pistas de contextualização são todos os traços lingüísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais. Tais pistas podem aparecer sob várias manifestações lingüísticas, dependendo do repertório lingüístico, historicamente determinado de cada participante (Gumperz, 2002:152).

Tendo como base as noções discutidas anteriormente sobre discurso, como este é socialmente construído em interação com o outro e, ainda, sobre como os interactantes de uma prática discursiva utilizam-se de pistas de contextualização para posicionar o outro dentro da construção do discurso, podemos, então afirmar que ao construir significados estamos sinalizando como nos posicionamos perante o mundo e como nós agimos dentro dele (Moita Lopes, 2002). Ao mostrarmos este posicionamento, estamos construindo a nossa identidade. Contudo, se o nosso discurso e a construção de conhecimento acontecem em interação discursiva com o outro, a nossa identidade também será. Como afirma Moita Lopes:

“(...) as identidades sociais são construídas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares. Também fica claro, aqui, que o mundo social e as identidades não são fixos. Estão em construção, isto é, no processo de tornar o significado inteligível ao outro (...) está implícita a idéia de que as identidades estão sujeitas a mudança (Moita Lopes, 2002:37)”.

Em suma, ambos os conceitos, discurso e identidade, são construídos na interação com o outro e co-construídos com e pelo discurso do outro e nossos próprios discursos anteriores, isto é pelo nosso conhecimento de mundo. Assim sendo estes construtos estão em constante processo de reformulação. Ao se engajar em uma prática discursiva, os indivíduos posicionam-se e são posicionados no discurso através da interação com o outro e constroem suas hipóteses e conceitos durante este processo iterativo.

Relacionando os conceitos de discurso e identidade à identidade profissional do professor, podemos dizer que ela está em constante processo de construção. O professor, seja ele de línguas ou não, necessita da interação para poder construir-se como indivíduo participante de um contexto discursivo específico. Acredito que as visões vygotskianas sobre o desenvolvimento do pensamento e sobre o ensino discutidas por Freitas (2000) trazem importantes contribuições para o entendimento deste processo, visto que esta teoria sustenta que o indivíduo está em constante processo de aprendizagem, mesmo quando não esteja engajado em um ambiente formal de ensino.

A aprendizagem das crianças se inicia muito antes da sua entrada na escola(...). Ela aprende a falar, nomeia objetos, conversa com adultos e companheiros, adquire informações, obtendo perguntas às suas respostas(...) (Freitas, 2000:101)

Toda esta aprendizagem se dá através da interação com o outro. O interlocutor no processo de construção de significados desempenha um papel extremamente importante, pois é para ele que o indivíduo produz a fala exterior. A fala exterior representa, na visão de Vygotsky (1987) explicitada por Freitas (2000), a materialização do processo de pensamento e tem como seu alvo o outro, ou os outros, participantes da prática discursiva. “A fala exterior é para os outros e consiste na tradução do pensamento em palavras: é a materialização e objetivação” (Freitas, 2000:95).

O indivíduo produz a sua fala baseando-se no discurso do outro e o conflito entre estas falas faz com que os significados sejam construídos de forma conjunta. Se levarmos este conceito para a sala de aula, teremos os participantes do processo discursivo representados pelo professor e seus alunos. Dentro desta visão, não podemos esquecer que neste contexto discursivo outras vozes também estão sendo representadas pelos participantes, i.e. livros, supervisores, diretores, enfim toda sociedade está sendo representada no microcosmo da sala de aula. Desta forma o professor construirá seu discurso através da interação com seus alunos, fazendo, assim, com que este construa e reconstrua a sua identidade através do conflito com o discurso de seus alunos.

A explicação feita acima nos remete a uma outra questão, a natureza polifônica e dialógica da sala de aula. Vista por uma perspectiva bakhtiniana, a sala de aula é um espaço polifônico onde atuam diversas vozes ao mesmo tempo (Magalhães, 1996). Essas diversas vozes interagem e geram novas vozes, i.e., os interlocutores moldam os seus discursos através do discurso do outro. O professor, como parte integrante deste contexto, também moldará o seu discurso através do conflito com os discursos de seus alunos reformulando hipóteses e criando novos conceitos (Magalhães, 1996).

Para Mercer (1994), em sua teoria neo-vygotskiana, o aprendizado é visto como um processo sócio-cultural, i.e., os indivíduos aprendem ao interagir com o meio social do qual fazem parte e este aprendizado é culturalmente construído.

A essência da abordagem neo-vygotskiana é tratar o aprendizado humano e o desenvolvimento cognitivo como um processo que é culturalmente baseado, não só culturalmente influenciado; como um processo que é mais social do que individual; e como um processo comunicativo onde o conhecimento e a compreensão são construídos em contextos culturalmente informados (Mercer, 1994:92-93).

Esta visão neo-vygotskiana vem para reforçar o papel do outro na construção social da identidade, visto que se o indivíduo desenvolve seu aprendizado e constrói seu discurso nas práticas sociais, ele vê na fala do outro a âncora para construir seus próprios conceitos e vice e versa. Ainda, dentro desta visão, podemos relacionar a dimensão dialógica da linguagem defendida por Bakhtin (1992). Segundo esta perspectiva, “toda enunciação é um diálogo” (Jobim e Souza, 2000:99), desta forma os significados não são inerentes às palavras e sim nascem a partir da interação entre os interlocutores do discurso. Se toda

enunciação é um diálogo e se nos construímos como indivíduos através de nossa fala exterior, o professor constrói-se como professor ao proferir o seu discurso de sala de aula que é socialmente moldado pelo discurso de seus alunos embora, talvez ele só se dê conta da importância do outro ao refletir sobre sua prática (Magalhães, 1996).

Nesse processo de construção conjunta do conhecimento, o professor aprende a se distanciar de suas ações, a ver sua classe com outros olhos. É um processo em que os participantes da interação colaboram na interpretação da realidade (Magalhães, 1996:13).

Por se tratar de um contexto social múltiplo, na sala de aula de línguas estão presentes diversas vozes que se entram para promover a construção de significado e a produção de conhecimento (Freitas, 2000). Assim sendo, ao falarmos de construção de identidade através do discurso de sala de aula não podemos esquecer o caráter multifacetado deste contexto. Os alunos trazem em sua bagagem cultural visões diferentes de mundo, leituras diferentes da realidade da qual fazem parte. Desta forma, ao interagirem em sala de aula estarão eles formulando e reformulando visões, construindo e reconstruindo discursos e identidades.

O professor, por também fazer parte deste contexto social, interage com as diversas vozes que permeiam a sala de aula. É importante ressaltar que a reformulação de conceitos se explicita através do discurso de sala de aula, porém ela também é intimamente influenciada pelos outros contextos dos quais o professor faz parte. Ainda, não só a sua construção como professor estará em constante processo de construção, mas também sua identidade como indivíduo atuante na sociedade; em diversos contextos sociais.

Uma outra questão que deve ser abordada para o entendimento da relação entre identidade e discurso é a questão do aprendizado. Então, a pergunta “O que é aprender?” torna-se crucial a ser respondida aqui. De acordo com Mercer (1994), aprendizado é um processo sócio-cultural. Este processo, da mesma forma que o discurso e a identidade, é construído na da interação entre os participantes deste contexto. Os indivíduos aprendem ao interagir com o meio social do qual fazem parte e este processo é culturalmente situado.

A sala de aula é tradicionalmente vista como o espaço estabelecido para a aprendizagem. Quando o indivíduo entra neste contexto social, ele identifica que aquele espaço e as batalhas interacionais a serem travadas neste contexto são diferentes de outras práticas discursivas. Não pretendo, aqui, dizer que só há aprendizado na sala de aula. Acredito que em qualquer que seja a interação sempre pode haver construção de conhecimento e conseqüentemente a aprendizagem pode ser construída. Porém, este aprendizado não é percebido pelos interactantes da mesma forma que eles o percebem no contexto de sala de aula. No contexto de sala de aula eles estão cientes de seus papéis sociais e do papel social deste contexto. A relação discurso, identidade e sala de aula será retomada mais tarde durante a análise de dados desta pesquisa.

2.3.2

Discurso, identidade e enquadres

Outra discussão pertinente à questão de discurso e identidade é a questão dos enquadres. Partindo do princípio de que os significados são socialmente construídos (Moita Lopes, 1996), e de que os interactantes de uma prática discursiva constroem seu discurso através do discurso que o outro produz (Bakhtin, 1981), nesta seção discutirei como os participantes do discurso fornecem pistas de contextualização (Gumperz, 2002) para poder posicionar os outros participantes dentro de um enquadramento específico e desta forma definir como o seu discurso deve ser entendido.

Tannen e Wallat (2002) definem enquadres interativos como o contexto de uma interação, isto é, qual o entendimento situacional que está sendo encenado pelos participantes desta prática.

“A noção interativa de enquadre se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretado” (Tannen e Wallat, 2002:188).

Entretanto, para que o enquadre seja estabelecido de forma eficaz faz-se necessário que os interlocutores compartilhem de alguns esquemas de conhecimento. Ainda, segundo as autoras, estes esquemas referem-se às

“expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo” (Tannen e Wallat, 2002:189).

Dentro desta noção de enquadre, não podemos esquecer de mencionar a importância das pistas de contextualização. Segundo Gumperz (2002), os contextos elocucionários de uma interação são revelados através de pistas linguísticas que definem como o falante deseja ser entendido.

“Ao contrário das palavras, que podem ser discutidas fora do contexto, os significados das pistas de contextualização são implícitos. Geralmente não nos referimos a eles fora de seu contexto. O valor sinalizador depende do reconhecimento tácito desse significado por parte dos participantes (Gumperz, 2002:152-3)”.

Assim sendo, as pistas de contextualização são as ferramentas que os interlocutores dispõem para enquadrar o seu discurso. Ainda, dentro desta definição, é de suma importância discorrer sobre o conceito de *footing* proposto por Goffman (2002⁸). Segundo o autor, este diz respeito ao alinhamento dos participantes de uma prática discursiva dentro do enquadre. Então, temos dois conceitos dicotômicos para ser discutidos nesta pesquisa.

Se contrastarmos a noção de Tannen e Wallat (2002) acerca dos enquadres interativos com o conceito de *footing* proposto por Goffman, notaremos que o enquadre é um contexto mais amplo das relações interativas, enquanto o *footing* vai alinhar os interlocutores dentro deste contexto maior. Ambos conceitos são definidos pelo uso das pistas de contextualizações, i.e., indícios linguísticos e não linguísticos negociados pelos interlocutores na tentativa de construir significados.

Se trouxermos as noções acima descritas para a sala de aula, não poderemos esquecer de mencionar que toda prática discursiva pressupõe uma relação de poder (Foucault, 1984 [1971 – data da 1ª edição]). E que neste contexto interacional, o poder estaria, tradicionalmente, centralizado na voz do professor. Os aprendizes são normalmente posicionados de acordo com as pistas fornecidas pelo professor. Contudo, no discurso dos aprendizes também notamos como eles se alinham e como eles pretendem alinhar o professor. Como em toda interação, não há como afirmar se as pistas de contextualização serão entendidas da forma que o falante gostaria que fosse. Na sala de aula, a interpretação adequada das

pistas de contextualização será um pouco mais assimétrica do que em uma interação fora deste contexto, visto que, diversas vozes atuam neste discurso e cada interactante vai interpretar estas pistas de forma diferente.

2.4

Entendendo o meu posicionamento perante os conceitos de discurso e identidade

Nas seções anteriores expus para o meu leitor parte da base teórica que subjaz esta dissertação. Contudo, tento, intencionalmente, não revelar meu posicionamento quanto às questões de discurso e identidade. Por isso, após ter discutido estes temas sem muito me mostrar, traço o meu recorte sobre a questão da identidade e do discurso. Neste recorte, tomo como base a visão Bakhtiniana de que o outro representa um fator decisivo para o processo de negociação e construção de significados em um contexto discursivo. Alinho me a Moita Lopes (2002) quando afirma que as identidades, da mesma forma que os significados, são construídas, desconstruídas e reconstruídas em discurso e através dele. Assim sendo, “as identidades não são escolhidas, mas são inscritas em relações discursivas de poder específicas nas quais são construídas” (Moita Lopes 2002:35).

De acordo com a visão socioconstrucionista, as identidades se constroem com base nos aspectos relacionais dos participantes do contexto discursivo, desta forma elas não representam características inerentes e estáticas dos indivíduos. Concordo com Shoter e Gergen, (1989) ao se alinharem com a visão baktiniana de que nossas identidades são construídas em nossas relações com os outros. Os contextos em que essas construções acontecem têm que dar conta das interações interpessoais para ter um contorno mais macro. Moita Lopes (2002) afirma que o conceito de identidade pode ser compreendido como a interface entre os posicionamentos subjetivos e os contextos sociais e culturais. A identidade nos mostra quem somos e como os outros e o mundo em que vivemos estão relacionados com nosso discurso.

⁸ O conceito de *footing* foi introduzido por Goffman em 1979, contudo utilizo o texto publicado em 2002 no livro Sociolinguística interacional, organizado por Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez.

Contudo, como a vida em sociedade se apresenta de forma complexa, faz-se necessário que se olhe para o cunho fragmentado das identidades, isto é as identidades sociais são “fragmentadas e, portanto, complexas, no sentido que não são homogêneas” (Moita Lopes, 2002:138). Assim sendo “as identidades sociais devem ser entendidas... como um feixe de traços identitários que coexistem, as vezes de forma contraditória, na construção das diferenças de que somos feitos” (Moita Lopes, 2002:28). Com esta conceituação de Moita Lopes, posso afirmar que não somos um, mas sim vários indivíduos convivendo conjuntamente em um mesmo corpo. Não faço menção, aqui, às implicações psicológicas que esta afirmação pode carregar. Estou apenas me referindo à dimensão discursiva e social com a qual o conceito de identidade está imbricado.

Corroborando a visão apontada acima, Cook (2000) afirma que o discurso é construído através do uso da linguagem com o intuito de gerar a comunicação. Esta idéia cookiana⁹ vem corroborar a visão defendida por Signorini (2002) de que a identidade é um construto discursivo e construído por diversos fatores internos e externos ao contexto interacional, tais como, a relação entre os interactantes, a vivência discursiva anterior dos mesmos, entre outros fatores. Assim sendo, a identidade de um indivíduo não representa uma unidade indivisível e inalterável, e sim fragmentos de diversas experiências de sua vida. Experiências estas que estão situadas cultural e socialmente. Estas idéias vêm validar a premissa de cada pessoa não é uma identidade mas sim que cada indivíduo é várias identidades.

Com isto, discordo da visão do discurso essencialista para qual o indivíduo tem uma identidade única e inata. Concorro com Oliveira (2004), quando ela afirma que hoje em dia há um uso político estratégico do discurso essencialista sobre identidade no intuito de vender ou difundir idéias políticas e que este uso pode ser facilmente desmistificado. Comentando a pesquisa de Sumara e Davis (1999) sobre estereótipos homossexuais, Oliveira (2004:36) afirma que “não existe *um pacote gay de ser*, em que tudo seria rigorosamente igual para todos os homossexuais de todos os tempos e de todos os grupos humanos.” A autora se refere ao fato da pesquisa ter chegado a conclusão de que cada um dos participantes do estudo tinha um modo diferente de ver a sua condição como

⁹ Utilizo o neologismo cookiano para definir as idéias defendidas por Guy Cook em sua obra *Discourse* publicada em 2000 pela Oxford University Press.

homossexual. O discurso essencialista torna-se inconsistente se tomarmos identidade como um fator social discursivamente construído.

Para finalizar a minha discussão sobre os conceitos de identidade e discurso que subjazem esta pesquisa, retomo a máxima de Bakhtin (1992) de que nós nos construímos através do discurso do outro. A partir desta visão, Moita Lopes (2002) afirma que da mesma forma que o conhecimento, a identidade é negociada e construída nas práticas discursivas em que nos engajamos. Assim, tomo como base para a minha pesquisa de mestrado o conceito de que identidade é um fator social, construído em discurso, influenciado cultural e socialmente e que é informada pela relação que os participantes da interação tem entre si.

Por se tratar de uma pesquisa que tem a sala de aula e a formação inicial do professor como seu maior foco, discuto na próxima seção as identidades que emergem na vida na sala de aula. Pretendo traçar uma discussão sobre como estas identidades são negociadas, construídas, desconstruídas e reconstruídas nas práticas discursivas que acontecem neste contexto.

2.5

Identidades na sala de aula

A sala de aula se apresenta como um contexto social com uma natureza própria, o que a diferencia de outros contextos. Ela é um local de representação e construção da diversidade social que podemos encontrar na comunidade em que vivemos. Desta forma, neste contexto podemos encontrar uma infinidade de identidades convivendo, às vezes de forma pacífica e muitas vezes de forma conflitante. A vida na sala de aula representa um construto plural e multifacetado que é sócio-culturalmente construído e situado. Tal definição para a sala de aula, a princípio, pode parecer simples. Contudo, esta simplicidade se vê abalada e desconstruída se nós retomarmos o conceito de identidade discutido anteriormente. Este conceito alinha-se ao princípio defendido por Moita Lopes (2002) de que o indivíduo não é um, mas vários. Assim sendo, a sala de aula não só terá as identidades do professor e do aluno e sim as múltiplas e fragmentadas identidades do professor e de cada aluno.

Cada vez mais vemos a sala de aula com um espaço socio-discursivo heterogêneo, onde diversas vozes interagem para um objetivo comum: a construção do conhecimento. Como Coimbra (2003) afirma, ao construirmos o conhecimento estamos negociando e construindo nossos valores sociais, isto é nossas identidades. A interação com o outro, ou os outros, nos faz construir uma identidade de caráter multifacetado e fragmentado e muitas vezes esta identidade se constrói de forma contraditória com as outras muitas identidades que temos. Nas interações de sala de aula este processo de construção de identidades não acontece de maneira diferente do explicado acima. Roland (2003) indica que a construção das identidades no contexto escolar perpassa todo um processo social e culturalmente influenciado, onde atuam as identidades sociais que cada um dos participantes desta interação trazem consigo.

Dentro desta perspectiva multifacetada e heterogênea da sala de aula, as identidades, tanto do professor como dos alunos, são negociadas e construídas através das atividades discursivas que estes participantes se engajam e são influenciadas por todo o seu conhecimento de mundo anterior, isto é, todas as suas experiências de vida. Assim sendo, cada um dos participantes deste contexto constrói a sua identidade escolar baseando-se nas suas múltiplas identidades e na interação com as identidades do outro.

Na próxima seção deste capítulo, discorro sobre as identidades do professor, como este se constrói ancorando-se em diversas vozes que o ajudam a compor o seu *eu* professor.

2.5.1

Identidade(s) profissionais do professor

Nesta seção, o meu foco concentra-se nos processos discursivos pelos quais a identidade do professor é construída. Segundo Rollemberg (2003) as identidades profissionais são negociadas nos processos discursivos nos quais os professores se engajam e é neste processo que nos fragmentamos para tornarmos um só:

“É nesse processo que os fragmentos e diversas faces de nossas identidades vão tomando forma, ou melhor, nós mesmos vamos tomando forma para nós e para os outros com quem interagimos profissionalmente” (Rollemberg, 2003:251).

Dentro desta perspectiva discursiva da construção da identidade profissional do professor, não se pode deixar de levar em consideração o fato de que o professor não é um ser que só existe na sala de aula. O professor também é homem, mulher, marido, esposa, pai, mãe, filho ou filha, bem como membro de uma determinada comunidade, religião, raça e etc. Moita Lopes (1998) afirma que o professor é um indivíduo multifacetado que está em constante processo de transformação. Não podemos, então, criar estereótipos acerca da identidade do professor, pois cada membro desta comunidade de prática terá a sua própria trajetória no processo de construção de identidade e esta trajetória será influenciada pelos diversos contextos discursivos que este indivíduo integra, seja dentro ou fora do contexto escolar (Dutra, 2003).

Entretanto, alguns fatores sobre a vida em sala de aula devem ser levados em consideração quando estudamos o processo de construção da identidade do professor. A sala de aula, por ser, tradicionalmente, um espaço social heterogêneo e ter um caráter assimétrico (Moita Lopes, 1996), é um espaço onde atuam diversas vozes e normalmente temos a imagem do professor como aquele participante que controla o processo discursivo por estar em posição de maior poder (Moita Lopes, 1996). Assim sendo, ele exercerá uma maior influência no processo de construção de significados. Ele traz para dentro deste processo toda a sua vivência pregressa, as suas crenças, isto é, todos os seus fragmentos identitários. O professor é o representante social e institucional que desempenha o papel de educar, dentro de uma cultura escolar, os seus aprendizes, portanto, tanto ele como os aprendizes trazem este posicionamento para sala de aula. Desta forma, o papel do professor é pré-definido socialmente e permeado por suas diversas identidades.

Celani e Magalhães (2002) apontam que o conceito de identidade profissional “como construído por meio de variadas formas de representação, confere-lhe (...) um caráter ativo estreitamente ligado a questões de saber e, conseqüentemente, de poder em contextos particulares.” Desta forma, a identidade profissional do professor está relacionada ao currículo. “O currículo é, assim, esse espaço onde as representações sobre o social, o político e o pedagógico entram em conflito e embasam escolhas a serem feitas” (Celani e Magalhães, 2002:322). Esta questão do currículo está intimamente ligada e conflitante com os outros meados que compõem a identidade do professor, visto que o currículo é um instrumento

institucional que embasa as escolhas do professor. Contudo, durante a prática discursiva de sala de aula, outros fatores vão também ajudar a compor a sua identidade. Não há como o professor entrar na sala de aula e esquecer todas as suas identidades do lado de fora (Rollemberg, 2003), visto que elas convivem entre si e não representam um compartimento de gavetas que nós abrimos em determinados momentos. A identidade do professor representa toda a sua vivência como profissional e agente social do meio em que vive.

Em suma, a identidade do professor não tem como ser definida através de estereótipos preestabelecidos socialmente. Ela é negociada e construída através das diversas práticas discursivas nas quais o professor se engaja, quer seja no âmbito profissional ou no âmbito pessoal. Para finalizar esta seção, ressalvo que nos momentos de representação da formação identitária analisados nesta dissertação, veremos como as identidades do professor em formação são negociadas e construídas.

2.5.2

Identidade(s) do aprendiz

Da mesma forma que a identidade do professor, a identidade do aprendiz também não pode ser entendida a partir de estereótipos preestabelecidos socialmente. Claro que, como o professor, o aluno traz para sala de aula um papel de certa forma já definido socialmente (Moita Lopes, 1996). Contudo, a sua identidade como aprendiz não é delimitada apenas por este papel. O processo de construção do aprendiz é permeado, também, pelas diversas vozes do discurso de sala de aula e pelas vozes das práticas discursivas nas quais o aprendiz se engaja dentro e fora do contexto de sala de aula. O embate entre estas diversas vozes vai fazer com que o indivíduo se construa como ser atuante na sociedade (Sgnorini, 2003).

Kleiman (2002) discorre sobre identidades na sala de aula e afirma que estas não podem ser entendidas como identidades institucionais, visto que, este último conceito nos remeteria à estereotipização das identidades. O que nos levaria ao erro de classificar identidade dentro de uma visão essencialista e inatista.

Se transportarmos esta idéia para a identidade do aprendiz, o que temos é uma dicotomia entre o papel que a sociedade lhe impõe como sendo a identidade do aprendiz, e as crenças e valores que o formam como agente de um meio social. O aprendiz, então, constrói-se como aluno e como agente social no contexto de sala de aula através da interação de suas diversas faces com as diversas faces do outro também. Este outro, como aponta Dutra (2003), pode ser entendido desde uma perspectiva pluralizada por duas razões. A primeira seria por causa da natureza pluralizada do próprio conceito de identidade utilizado nesta pesquisa; a segunda trataria do contexto social de sala de aula onde vemos diversos interactantes agindo no meio social e visando a construção de significados.

Entretanto, não podemos deixar de levar em consideração a influência que o professor exerce dentro deste contexto. Por estar em posição de maior poder (Foucault, 1979; Moita Lopes, 2002), o professor controla a prática discursiva de sala de aula e influencia nas escolhas de seus alunos durante o processo de construção de significados. Assim sendo, ao construir a sua identidade, o aluno sofre influência direta das identidades do professor e dos seus pares, isto é, das outras vozes que compõem a orquestra da sala de aula.

Neste capítulo discorri sobre a base teórica que me norteará durante esta empreitada investigativa. Acredito ter deixado claro para o meu leitor que os dois conceitos, aqui, discutidos (discurso e identidade) e todos os questionamentos que os inter-relacionam serão de grande valia para os entendimentos que pretendo construir durante a análise das informações utilizadas nesta pesquisa. Passo no próximo momento para uma explicação sobre as bases metodológicas que me orientam ao longo deste estudo.